Revelação

Jornal-laboratório do Curso de Comunicação Social

UNIVERSIDADE DE UBERABA

Ano V • nº 199 • Uberaba/MG • de 18 a 24 de março de 2002

ensaio

A ESTRATÉGIA DA DOMINAÇÃO

Trote universitário favorece lógica de opressão social

págs. 6 e 7

Foto: Martin Benjamin (reprodução)

Sentido dessa "tradição" é reforçar a idéia de que os mais instruídos têm o direito natural de esculhambar os menos instruídos

Sociedade

Bairro reúne histórias de estudantes e moradores tradicionais

pág. 3

Turismo

Ipê florido é o símbolo da cidade de Tapira

pág. 10

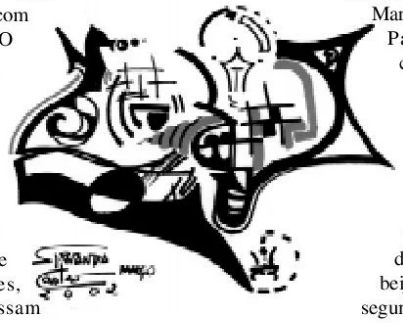
issuu-downloader.com

Escrita rápida

"Traveling in the maionaisse"

Maurício do Vale
3º período de Publicidade

É dada a largada, preciso viajar, tomo meu posto, entro no meu foguete que é uma lapiseira, pronta para ser lançada no universo branco de uma folha de papel. Começa a viagem, a lapiseira desliza com velocidade e dentro dela atinjo o universo, um universo mental, que visualiza o universo espacial, o infinito, o nunca visto, que será visualizado apenas com o pensamento. O universo é cheio de surpresas, por enquanto só estrelas, cometas, nenhuma novidade...mas olhe! Parece que algo diferente está surgindo...São, sei lá, seres, monstros de faces irregulares, caricatas, todos passam perto de mim...São figuras assustadoras e ao mesmo tempo divertidas, me cumprimentam alegres...São gente-finas...Ei!!!! Não conheço você? Parece que estuda comigo...de qualquer forma, boa viagem!!



Continuo percorrendo nesse vácuo de surpresas e mais adiante, já faminto, surge o meu prato preferido...São mulheres... muitas mulheres...todas lindas e todas estão peladas...essas sim se parecem com as terráqueas...êpa! Não te conheço de algum lugar? Você parece que estuda comigo...! Loiras, ruivas, morenas, mulatas e orientais...Com todo respeito, que belo par de peitos, enorme...são seus ou você comprou em algum lugar? Afinal, não importa...te amo espanhola! Bom, é melhor eu indo então...você é muito SILICONE pro meu caminhão...! Ah! O meu e-mail é maurisexxx@hotmail.com, escreve ok? A viagem continua, alegre e muito rápida e sempre com um chato que grita nos meus ouvidos "pare o mundo que eu quero descer"... Vejo uma nave, ou será uma ave? Ave Maria! Maria de Fátima...!!! Parece que te conheço, você não é minha professora? Ah! É sobre um tal de fichamento que é para entregar na segunda...Estou pouco me fichando...Então, um beijo na bunda e até segunda...

Olhe...!!! Uma lanchonete, e quem vem me atender é uma bisnaga amarelona, que viagem! Acho que já estou viajando na maionese...Não quero ketchup, please! Sabe como é né...minha girlfriend está naqueles dias e eu fico meio traumatizado...fazer o que né? Ihhh! Estou ouvindo um sinal, um sinal de parar, é hora de voltar, voltar a si, a mim, minhas mãos estão formigando, mas meu cérebro não, acho que se tivesse tempo e mãos a viagem seria mais longa...Mas valeu todo esse garrancho, que foi um gancho para um momento interessante...Até a próxima!!!!

Este exercício foi realizado por alunos de Publicidade e Propaganda em sala de aula, sob orientação do professor Ronan Gomes.

A Escrita Rápida permite a liberação da criatividade e tem como objetivo derrubar a inibição na escrita através do estímulo ao improviso, à intuição e ao fluxo contínuo de pensamento.

A técnica consiste em permitir que o estudante escreva, sem parar, tudo que vem à cabeça. Nesse primeiro momento, não é levado em consideração erros gramaticais, de concordância ou mesmo lógicos. Posteriormente, o estudante relê o que escreveu para arranjá-lo de maneira que faça sentido. O professor Ronan selecionou este trabalho que considerou bastante expressivo.

OMBUDSMAN

Universidade: instituição de estudo

Newton Luís Mamede

As escolas de todos os níveis, do pré-escolar à universidade, são comumente denominadas *estabelecimentos* ou *instituições de ensino*. Essa denominação generalizada pode ter suas críticas quanto à atenção ou destaque ao ensino, e não à aprendizagem, mas, para a universidade, essas críticas são mais procedentes.

Na moderna pedagogia, em que se considera o aluno o agente da aprendizagem, o termo *ensino*, embora não totalmente desprezado nem desconsiderado, ficou em segundo plano, em relação ao termo *aprendizagem*. Se o ato de aprender é pessoal, o professor e o ensino são considerados, não o agente, mas o condutor desse ato. Ato pedagógico, que, na própria etimologia do termo, significa *condutor de criança*. Assim, em termos atuais, devemos ver a escola como um lugar onde se **aprende**, e não onde se **ensina**. E, para aprender, o meio é o **estudo.**

A consciência de que o aluno é o verdadeiro agente de sua aprendizagem não dispensa o professor e a instituição de verificar se ele, aluno, está, de fato, aprendendo

Sob essa ótica, percebemos que, quanto mais se avança em grau regular de instrução, mais se deve dar destaque ao estudo pessoal do aluno, ao ato pessoal de aprender e formar seu cabedal de conhecimentos e seu intelecto, sua personalidade e sua consciência crítica e esclarecida. Mesmo sob a orientação da escola. Fixar a atenção ao ensino é um ato mais burocrático e cartorial do que pedagógico. É uma atitude de cumprimento de programa, de desempenho e conclusão de uma tarefa por parte do professor e da escola. Isto é, o ensino foi dado e cumprido: se o aluno não aprendeu, o problema é dele. Escola ativa e aluno passivo. A contradição da educação, do papel da escola.

Na universidade não pode haver essa forma de pensar. É preciso proceder a uma transformação de mentalidade. A consciência de que o aluno é o verdadeiro agente de sua aprendizagem não dispensa o professor e a instituição de verificar se ele, aluno, está, de fato, aprendendo. E, é claro, estudando. A instituição superior de "ensino" deve dar lugar à instituição de **estudo**. A pedagogia, mesmo em cursos universitários, tem seu lugar pleno, se a considerarmos um ato de condução. De condução e de orientação do outro, do aluno, do educando. A universidade deve mostrar ao seu aluno que ele é que aprende, e, para isso, o estudo é tarefa dele. A escola é apenas a sua orientadora de estudo. Mas, se é orientadora e condutora, é, *ipso facto*, responsável pela qualidade e eficiência do estudo de seus alunos.

A universidade é um centro de estudos. Tanto para alunos quanto para professores. Eis, então, o conceito superior de escola, em que o estudo não cessa, em que a aprendizagem está sempre acontecendo, em constante e progressivo exercício. Universidade é espaço cultural, científico. Espaço de "progresso da ciência", do conhecimento científico divulgado e produzido. Espaço de estudo pleno, tanto para a formação profissional de nível universitário quanto para a expansão da ciência. Espaço de autonomia de estudo responsável, sério, superior. Instituição de estudo.

Newton Luís Mamede é Ombudsman da Universidade de Uberaba

Revelação **Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social, produzido e editado pelos alunos de Jornalismo e Publicidade & Propaganda da Universidade de Uberaba**

Edição: Alunos do curso de Comunicação Social ••• **Supervisão de Edição:** Celi Camargo (celi.camargo@uniube.br) ••• **Projeto Gráfico:** André Azevedo (andre.azevedo@uniube.br) ••• **Diretor do Curso de Comunicação Social:** Edvaldo Pereira Lima (edpl@uol.com.br) ••• **Coordenadora da habilitação em Jornalismo:** Alzira Borges da Silva (alzira.silva@uniube.br) ••• **Coordenadora da habilitação em Publicidade e Propaganda:** Érika Galvão Hinkle ••• **Professores Orientadores:** Norah Shallyamar Gamboa Vela (norah.vela@uniube.br), Vicente Higino de Moura (vicente.moura@uniube.br) e Edmundo Heráclito (heraclit@triang.com.br) ••• **Técnica do Laboratório de Fotografia:** Neuza das Graças da Silva ••• **Distribuição:** Assessoria de Imprensa ••• **Reitor:** Marcelo Palmério ••• **Ombudsman da Universidade de Uberaba:** Newton Mamede (ombudsman@uniube.br) ••• **Jornalista e Assessor de Imprensa:** Ricardo Aidar ••• **Impressão:** Jornal da Manhã **Internet:** http://www.revelacaoonline.uniube.br ••• **Contatos:** Universidade de Uberaba - Depto. de Comunicação Social - Bloco L - Av. Nenê Sabino 1801 - Bairro Universitário - Uberaba/MG - CEP 38.055-500

As opiniões emitidas em artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores.

issuu-downloader.com

Universitário está cheio de gente boa

Bares e armazéns reúnem figuras tradicionais do bairro

Fernando Machado
4º período de Jornalismo

O "Armazem Lázaro e Soares", de propriedade do senhor João Batista Lázaro e sua esposa, Irene Batista Lázaro, lidera as vendas na área, já que está ali desde o primeiro dia de dezembro de 1984. "Seu" Batista sustenta a mulher e filhos com a renda do comércio. Ele vende de tudo, de lingüiça de porco à guarda-chuva; de óleo de cozinha à vara de pescar, e é graças a este comércio que ele mantém os filhos na universidade. Em frente, Samuel e esposa administram o bar que Laércio cuidou antes dos problemas de saúde. Mais abaixo está o bar do Zezinho, figura simpática, e o bar do Léo, onde homens jogam cartas, bebem, dizem grandes verdades sem perceber e mentem sendo sinceros. Seu Andrade é uma das figuras que aparecem por ali, chama a atenção pela sabedoria e vigor dos seus "94 anos e seis meses", como se preocupa em frisar. Ele nasceu no interior da Bahia, trabalhou em diversos garimpos, em Mato Grosso, Minas e em seu estado natal. Grande filósofo que é, e garimpeiro que foi, diz que o homem não deve ter o mérito pelas coisas que inventou, e sim a terra, que foi de onde ele tirou essas mesmas coisas. "Não existe esse negócio de dizer que o homem é superior ao pássaro ou outro animal: é tudo uma coisa só", filosofa.

Parte baixa do bairro abriga camada mais pobre que sofre com investidas duras das polícias

Quando cai a noite, o movimento maior fica no bar do PC e no Pacheco, ocasionando congestionamentos que obrigam os ônibus a mudar a rota, em função do grande número de pessoas e automóveis na rua. Os vendedores de lanche competem entre si na conquista pelas vendas, e já houve ali ameaças que, felizmente, não passaram disso. A parte baixa do bairro abriga a camada mais pobre, que procura emprego mais acima e sofre com investidas duras das polícias.

fotos: Fernando Machado

João Batista Lázaro e sua esposa, Irene Batista Lázaro, inauguraram o armazém em dezembro de 1984

Márcia dos Santos trabalha há três anos com estudantes

Serviços domésticos complementam renda de moradoras

Trabalhadoras chegam a assumir papel de mães de estudantes recém-chegados

As mulheres, negras e brancas, moças e senhoras, que fazem a via-crucis nas ruas do bairro universitário levando roupas sujas e as trazendo limpas e passadas, sob o sol fulminante, saem normalmente da parte mais baixa do bairro e se destinam às casas dos estudantes. As senhoras executam a tarefa de coração, mas também, e principalmente, por terem que se submeter à falta de condições que a aposentadoria impõe aos mais velhos no País. Em função dos muitos estudantes universitários que lhes proporcionam alguma renda nas lides domésticas, elas conseguem recursos para o próprio lar. Encurraladas pelo sistema, muitas delas já trabalharam a vida toda, desde meninas, e, no entanto, têm negada a ajuda dos governos, e garantida a discriminação social. A maneira que encontram para se virar é tomando conta – muitas vezes assumindo o papel de mães – de recém-chegados desabilitados de tomarem conta de si próprios na cozinha ou na organização da casa. Daí nascem tantas relações de afeto quanto processos trabalhistas, e até relações amorosas.

Universitários são alvo principal das mensagens de carros de som

Márcia dos Santos Silva trabalha há três anos com os estudantes. Sua vizinha, Maria das Graças Silva, está no ramo há mais tempo, cerca de uma década. Nesse período, dona Maria aprendeu a cuidar dos estudantes, fazendo as vezes de mãe quando preciso. As duas já viram alunos, ou patrões, concluírem seus cursos e deixarem a cidade. Alguns, inclusive, quando vêm à Uberaba não se esquecem delas e passam para deixar um abraço.

Cerca de oito mil pessoas estão matriculadas nos cursos da Universidade de Uberaba, grande parte deste total está no bairro Santa Maria, ou "bairro Universitário" como é conhecido, movimentando a economia do local e de toda a cidade. São os estudantes, principalmente, que movimentam os prédios de aluguel, as mercearias e os botecos do lugar. São eles também o alvo principal das mensagens dos carros de som que chegam a cruzar as mesmas ruas com propagandas diferentes, deixando os moradores atordoados com a poluição sonora.

issuu-downloader.com

CULTURA

Músicas de março fecham o verão

Música Popular Brasileira muda as noites de quarta-feira em Uberaba

fotos: divulgação

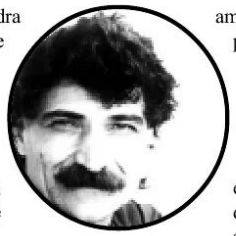
Alessandra Mendonça
6º período de jornalismo

As noites das três últimas quartas-feiras deste mês tem uma harmonia especial no ar, com um som bem brasileiro. O Shopping Uberaba está promovendo shows com os cantores da música popular brasileira visando com isto atrair um maior movimento para as suas lojas e, ao mesmo tempo, oferecer uma opção cultural.

A "Quarta-cultural" foi aberta no último dia 13 com o show do mineiro Paulinho Pedra Azul. Ele é um mineiro que nasceu no Vale do Jequitinhonha na cidade de Pedra Azul, daí o nome artístico. Além de cantor, compositor e violonista é, também, escritor.

Paulinho Pedra Azul abriu a Quarta-cultural

O cantor Belchior é o próximo da lista, se apresentando nesta quarta-feira. Ele se consagrou com as músicas "Apenas um rapaz latino americano", e "Como nossos pais", música que também se tornou conhecida na interpretação de Elis Regina. O cantor ficou conhecido na época da ditadura militar por suas canções que falavam de paz e levavam à reflexão.



Belchior é o próximo da lista

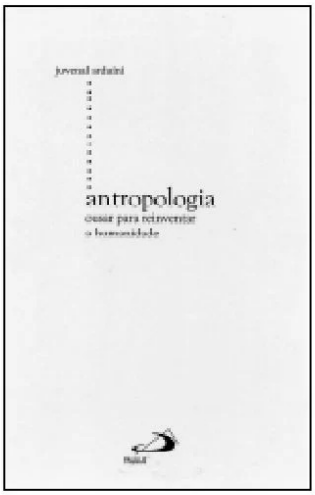
O compositor e cantor Flávio Venturini encerra a programação cultural de março, no próximo dia 27. Ele foi integrante da banda 14 Bis com a qual gravou oito discos, fez parceria com o compositor e cantor Beto Guedes e participou na produção de discos de Milton Nascimento.

Flávio Venturini encerra evento no dia 27

Segundo a subgerente de marketing do Shopping, Mayla Amorim Tupinambá, está confiante no retorno desta promoção cultural, que conforme destacou, além de alavancar o movimento no Shopping, está proporcionando, de graça, para público uma opção de lazer e cultura.

Antropologia: ousar para reinventar a humanidade

Juvenal Arduini



Lançamento no dia 20 de março (quarta-feira), às 20hs, no Centro Cultural Cecilia Palmerio

Educação

Uberaba sedia XVII Emed

Estudantes de Direito discutirão mídia, política, movimento estudantil e imperialismo cultural

Cássia Rocha
4º período de Jornalismo

Dos dias 28 a 31 de março Uberaba vai sediar, pela primeira vez, o XVII Emed (Encontro Mineiro dos Estudantes de Direito), no Campus II da **Universidade de Uberaba**. As inscrições já estão abertas e vão até o dia 22, os valores são R$40 e R$50 para o aluno que optar pela alimentação no local. Para se inscrever o estudante deverá adquirir o boleto, pago em qualquer agência bancária, que está diponível na sede do Dalo (Diretório Acadêmico Leopoldino de Oliveira), situada na rua Ronan Martins Marques, nº 366, bairro Universitário.

As inscrições para o encontro vão até o dia 22

Segundo o estudante de Direito, Thales Murta, secretário geral do Dalo, a expectativa é de reunir cerca de 2 mil estudantes. A abertura oficial será às16h e logo após os debatedores, Décio Bragança e Edilson Graciolli expõem sobre o tema: Uma proposta emancipatória frente ao imperialismo cultural.

Os trabalhos do dia 29, sexta-feira , serão abertos às 9h30 com o debate sobre a "Cultura política, o processo de formação política e a pratica da escolha eleitoral". Os conviddos são os cientístas políticos Roberto Aguiar, Carlos Chagas e Fábio Compacto. À tarde, a partir das 15h, o debate será sobre o movimento estudantil, cujo tema, "Enxergando o movimento estudantil como um movimento social e uma luta pela mobilização" será exposto pela professora Fernanda Teles .

No sábado haverá apenas uma palestra, a partir das 9h30sobre a "Influência da mídia na formação politico cultural do brasileiro", proferida por José Albert Jr. e Alexandre Noara . O encontro encerra-se no domingo, a partir das 9h30 com a plenária final.

issuu-downloader.com

Fies divide opiniões entre estudantes

Afinal, o financiamento é ou não um bicho de sete cabeças?

Cássia Rocha
4º período de Jornalismo
Antônio Marcos Ferreira Filho
1º período de Jornalismo

Termina na próxima semana, dia 22, o prazo para a inscrição do Fies (Fundo de Financiamento ao Estudante de Ensino Supeior). O candidato que for selecionado deverá comparecer a Caixa Econômica Federal levando carteira de identidade e CPF. Menores de 21 anos, não emancipados, deverão apresentar também a documentação do responsável. Caso o candidato seja casado deverá apresentar a certidão de casamento .

Muitos estudantes que ainda não se inscreveram estão em dúvida quanto a exigência de fiador. Conforme esclareceu Luíza de Marilach, coordenadora do Fies, o fiador deverá ser uma pessoa maior de idade, com idoneidade cadastral e renda pessoal comprovada de no mínimo o dobro do valor da mensalidade do aluno.

Se a renda familiar do candidato for inferior a 60% da mensalidade ele poderá apresentar até quatro fiadores que completem a renda familiar. Todas as informações a respeito da situação sócio-econômica do aluno, declaradas em entrevista, deverão ser comprovadas com documentos.

No ato da assinatura do contrato o aluno opta pelo limite do financiamento, podendo chegar ao teto máximo de 70% do valor da mensalidade. A taxa de juros é pré-fixada, sendo de 9% ao ano. Durante o curso, o aluno paga trimestralmente uma taxa de R$ 50,00 referente a taxa de juros. Depois de formado, o financiamento deverá ser pago em um ano e o valor das parcelas equipara-se ao da mensalidade vigente no último período cursado.

Renda pessoal comprovada de no mínimo o dobro da mensalidade do curso a ser financiado

Para os alunos que já fizeram o Fies, o financiamneto tem sido viável e representa a solução mais palpável para o estudante que não possui condições financeiras conseguir o seu objetivo: formar-se numa universidade. Assim é o Fies para a estudante de odontologia, Ângela Maria Ribeiro e para o estudante de Jornalismo, Wesley Jacinto dos Reis.

Enquete

Com essa enquete feita no Campus pode-se notar que a maior parte dos estudantes que realmente precisam do Fies não sabem bem ao certo do que se trata.

A opinião dos alunos a respeito deste financiamento se divide. Confira a opinião de alguns universitários que foram entrevistados na semana passada:

fotos: Antônio Marcos Ferreira Filho

Lívia juliana
1º período de Odontologia
"Eu acho que é melhor se sacrificar agora que pagar juros depois."

Ana Kelly
1º período de Nutrição:
"Acho que depende de cada um para você conseguir, pois ele vai te ajudar agora o futuro depende de você."

Fábia Cintra
1º período de Enfermagem
"Agora ele ajudaria sim, mas creio que eu possa ter algum problema para pagar os juros. Mesmo assim ele resolve, pois no final você tem o diploma."

Tiago de Oliveira
1º período de Ciências Aeronáuticas
"Estes créditos são mais viáveis para quem tem dinheiro. O contrário dos outros créditos que ajudam quem não tem condições".

Alexandre (Montanha)
1º período de Publicidade
"No que pude ver até agora é furada, pois depois da "facul" você tem que pagar juros e ainda corre o risco de não conseguir trabalhar para pagar as parcelas."

Olívia Carvalho
1º período de Fisioterapia
"O crédito é uma forma que o governo tem para ajudar os estudantes. Eu acho que ele é viável e se eu conseguir ira ajudar pois a mensalidade não é nada barata."

issuu-downloader.com

Ensaio

A estratégia da dominação

Trote universitário favorece lógica de opressão social

André Azevedo
1º período de Jornalismo

Na idade média havia uma forte tradição de festas carnavalescas que deixavam claro o ridículo da vaidade e das pretensões de superioridade. Esses eventos populares ocupavam um lugar muito importante na vida do homem medieval, pois os rituais cômicos nivelavam os estratos sociais e igualavam a comunidade, independente dos ofícios de cada um. Um exemplo era a "festa dos bobos", na qual as pessoas saíam pelas ruas praticando bobagens e maluquices com a participação ativa da igreja. O antropólogo José Carlos Rodrigues, no livro *O Corpo na História*, assim descreve essa festividade: "Nela, em lugar de incenso, os padres usavam excrementos; em vez de benzer com água-benta, abençoava-se com urina. Terminada a missa, saía-se em uma espécie de cortejo, durante o qual os sacerdotes eram transportados em uma carroça carregada de excrementos, onde afundavam as mãos para retirar porções que atiravam sobre a população – cometimento que alternavam com o gesto de urinar escancarada e debochadamente por cima das pessoas".

Nós, contemporâneos do século XXI, evidentemente encaramos essa tradição como o contrário de tudo aquilo que pode ser tido como "razoável". O autor admite que essa tradição materializa até mesmo o inverso do que pensamos ser "humano". Apesar disso, argumenta que é um erro compreender costumes do passado através de observação baseada na mentalidade atual: o contexto era outro e a relação que o homem medieval mantinha com os excrementos, o lixo e a morte era diferente da que temos hoje. A putrefação, o lixo, os cadáveres – que hoje nos causam repulsão e espanto – eram entendidos como parte natural do ciclo da vida e morte, e a visão carnavalesca do mundo transformava o ameaçador em "inofensivo, alegre e luminoso".

Mesmo assim, os procedimentos sanitários e o ideal de higiene – que só tornaram-se universais no século passado – representam uma grande conquista do homem contemporâneo. É difícil admitir, no século XXI, uma tradição festiva caracterizada por esparramos de urina e excrementos nos foliões; não porque na época fosse "errado", mas porque, definitivamente, não faz parte do atual estágio cultural da dita civilização ocidental.

Naturalmente, isso não quer dizer que superamos todas as tradições abomináveis. Persiste com certa vitalidade neste século uma tradição retrógrada que talvez seja a semente da justificativa moral de nosso lamentável desejo de dominação social. Trata-se do "trote universitário". Para alcançar uma hipótese sobre a lógica que o fundamenta, faz-se necessário a análise de alguns pontos.

As três justificativas

Há três afirmações básicas em que veteranos se ancoram para justificar o trote. Primeiro: É *tradição*. Todos fazem e sempre foi feito. Segundo: é uma *brincadeira*. Faz-se por diversão. Terceiro: Promove a *integração* entre calouros e veteranos. Vamos analisar uma a uma.

Sobre o trote ser uma *tradição*, podemos dividir as opiniões do debate, portanto, da seguinte maneira: existe quem queira mantê-la – os conservadores – e quem deseje abolí-la para deixar nascer outro comportamento – os progressistas. Naturalmente, é difícil desvendar a psicologia de uma tradição enquanto ela ainda está vigente, pois o que se torna hábito é feito de forma automática e os motivos que a sustentam ficam escondidos sob sua solidez. Percebemos, entretanto, que há forte inquietação sobre a legitimidade dessa *tradição*. Porém, esse desconforto é expresso em um debate muito pobre entre conservadores e progressistas: estes não querem o trote "porque não!" e aqueles o querem "porque sim!".

Marco Aurélio e Adriano Rezende, visitantes no Campus: "Com certeza o bicho que sofreu trote vai querer 'catar' seu calouro do futuro". Kellen Vieira, 1º ano de Psicologia: "Nosso trote foi só festa. Acho que não há ligação com a idéia de dominação"

Os defensores dessa *tradição* não são capazes de conceituá-la profundamente, pois não há qualquer reflexão sobre a prática. Essa conduta lembra a técnica do *reflexo condicionado*, do fisiologista russo Ivan Pavlov. Sem nos perdermos em detalhes, o procedimento básico experimentado por Pavlov é repetir mecanicamente os temas e sugestões de forma que o conceito – qualquer que seja – alcance ares de verdade natural e fique impregnado no comportamento. O psicanalista Joost Merloo explica, no livro *Lavagem Cerebral: o Rapto do Espírito*, que essa é a fórmula básica do condicionamento político das massas. Aí está a grande dificuldade encontrada pelos progressistas para dissuadir os conservadores que defendem a manutenção do trote. Como observou o escritor irlandês Jonathan Swift, "você não pode dissuadir alguém pelo raciocínio de uma convicção a qual ele não foi levado pelo raciocínio". Um conceito, contudo, é ponto pacífico para as duas tendências divergentes: uma sociedade avança na medida em que tradições obsoletas desmoronam para que novos conceitos preencham seu espaço e, aos poucos, solidifiquem-se em uma nova tradição.

A afirmação que o trote é uma *brincadeira*, uma coisa divertida, também mostra-se admiravelmente falsa. Uma brincadeira presume conivência explícita entre os participantes. Se um não aceita, não é mais diversão: é coerção, ou, na linguagem infantil, uma "brincadeira besta". A atual geração de calouros está se mostrando mais resistente ao trote. Percebe-se que brincadeirinhas estúpidas estão gerando antipatias mais ou menos profundas.

Existe, porém, o caso do jogo, onde um dos adversários ganha e o outro necessariamente perde. Entretanto, o pressuposto é que ambos concordam com as regras. Um jogo onde as normas são elaboradas para o desfrute exclusivo do mais forte – ou mais graduado – não é legítimo, e o mais fraco – ou o menos graduado –deve protestar com veemência. Sartre dizia ser detestável a vítima que respeita seu carrasco. Evidentemente, há calouros que se sujeitam aos constrangimentos do trote, mas isso vamos analisar mais a frente.

A questão da *integração* entre calouros e veteranos esbarra na fronteira onde essa argumentação pretende superar. Veteranos afirmam que as humilhações impostas são uma maneira de unir os estudantes. Mas esta união, como se vê, carrega um discurso muito claro: é perfeitamente realizável, desde que todos se coloquem nos seus "devidos lugares", ou seja, o veterano entende que sua graduação de número mais alto automaticamente justifica a dominação ao calouro de graduação de número mais baixo. Portanto, sente-se no "direito natural" de, por causa desta numeração, esculhambá-lo à vontade. A integração é feita na medida em que o calouro aceita a submissão como um fenômeno lógico; o rebaixamento servil está diretamente relacionado à seu "baixo grau de instrução". Nessa mentalidade, os calouros que não aceitam ser diminuídos estão sendo contra a harmonia da integração. Como se vê, é trágica a primeira lição aprendida na universidade: os que sabem mais têm o direito natural de subjugar os que sabem menos.

Trote sem fim

Vamos dar mais um passo no raciocínio. O que podemos perceber, com muita clareza, é que a lógica que sustenta o trote – a dominação de um sujeito "mais instruído" sobre outro "menos instruído" – começa nos primeiros dias de universidade mas não acaba na formatura. O sujeito que sofre e depois aplica o trote durante todo o período universitário

fotos: André Azevedo

Eduardo Fonseca, Carlos Eduardo, Luís Carlos e Andrezza Sawan, 1º período de Biomedicina: "Quando o trote é saudável, é uma maneira legal dos estudantes se conhecerem. Mas aquelas humilhações são um preconceito, porque eles acham que por terem graduação maior têm o direito de fazer o que quiser com os calouros. Isso acaba dificultando a aproximação"

issuu-downloader.com

termina o curso impregnado dessa "verdade natural" e continua aplicando o trote nos calouros da vida. Um professor que humilha os estudantes em sala de aula continua aplicando o trote, pois raciocina que a graduação concluída lhe dá o direito natural de subjugar os "ignorantes" que ainda não a concluíram. É a tradição. Um chefe que infernaliza a vida de sua secretária com ameaças estapafúrdias é o universitário que continua aplicando o trote no calouro. É divertido. Um professor doutor que ofende uma zeladora está exercendo os direitos que lhe conferem a titulação. É a integração.

Isso explicaria o fato de muitos calouros aceitarem as opressões do trote, como foi colocado anterior-mente. Na sociedade brasileira, caracterizada por diferenças sociais profundas que inviabilizam o acesso à educação da maior parte da população, o universitário é um calouro privilegiado. De certa forma, muitos preferem ser coniventes porque isso fortaleceria a tradição e justificaria a dominação futura. Aqueles milhões de seres humanos que – nós sabemos disso – nunca conseguirão concluir sequer o 1º grau, serão os eternos calouros desse exército de veteranos. *Ê bicho burro! Limpa isso aí de novo senão vai ser demitido agora mesmo! E olha que estou sendo bonzinho! Quem mandou ser analfabeto?* O trote sofrido no ingresso à universidade seria uma pequena contribuição a pagar para manter a lógica de dominação que, para um estudante de nível universitário, é altamente favorável.

Marcela Aidar e Nara Oliveira, 5º período de Psicologia: "Se o trote fizesse o que propõe, seria válido. Mas não é isso que acontece. O calouro fica com medo do curso. Todos têm direito de não aceitar coerções que firam o direito individual. Implantamos a calourada solidária, onde novatos doam alimentos e recebem explicações sobre o curso. No Brasil as pessoas que se sentem melhor que as outras sempre dão um jeito de manter o status. É uma maneira de exercer o poder"

Se aquela tradição medieval parece-nos, no mínimo, anti-higiênica, sua simbologia, ao contrário, mostra-se bastante saudável: pretendia igualar os estratos sociais. É mais ou menos o que significava nas origens o carnaval brasileiro (hoje, sabemos que caracteriza-se como mais um ritual segregador: ricos no camarote e pobres do lado de fora). A tradição do trote, ao contrário daquela festa medieval, simboliza a manutenção perversa das diferenças sociais, no caso, calcada em grau de instrução.

Entre os defensores do trote, podemos perceber uma forte contradição entre o discurso e a prática. Muitos veteranos favoráveis à tradição afirmam que, apesar de concordar com a reflexão exposta neste ensaio, são contra a opressão social. O escritor Henry Thoreau, no livro *A Desobediência Civil*, analisa essa questão de forma bastante didática: "Existem milhares de pessoas que se opõem teoricamente à escravidão e à guerra, e que, no entanto, efetivamente nada fazem para darlhes um fim; (...) O que devemos fazer, de qualquer maneira, é verificar se não nos estamos prestando ao mal que condenamos", escreve. Alguns veteranos, mesmo depois de ler trechos desta argumentação, insistem em justificar suas ações afirmando que o trote é uma *brincadeira*, uma forma de *integração*, e que os calouros devem aceitar a *tradição*, etc. O educador Paulo Freire escreve, no livro *Pedagogia do Oprimido*, citando Simone de Beauvoir, que "na verdade, o que pretendem os opressores 'é transformar a mentalidade dos oprimidos e não a situação que os oprime', e isto para que, melhor adaptando-os a esta situação, melhor os domine".

Se um professor doutor esculhambar com as zeladoras Solange Beatriz ou Deija Oliveira, estará seguindo a mesma lógica que fundamenta o trote

O trote poderia ser entendido, portanto, como a ponta do *iceberg*, um mero sintoma dessa lógica que afirma o direito do mais forte ditar regras desfavoráveis ao mais fraco. Será mesmo? Ou será que o trote é justamente o ritual que provoca no jovem esse comportamento? Será o trote o alimento dessa mentalidade, digerido pela faixa etária que se caracteriza pelo processo de solidificação do caráter: adolescentes de 17 e 18 anos? Será que a derradeira função social do trote é reafirmar e garantir o direito natural de dominação da minoria de nível universitário sobre a maioria sem escolarização?

Tenho uma hipótese escondida na manga. Mas prefiro não dar as cartas e deixar a questão em aberto como um convite ao debate para o leitor.

A falha da lógica

Premissa incorreta baseada em consideração parcial invalida a estrutura do raciocínio

Qual é o raciocínio que sustenta a legitimidade do trote? "Quem tem grau de instrução de número mais alto tem o direito natural de subjugar quem não tem". Essa lógica carrega, entretanto, uma falha primordial que deixa claro a inconsistência da afirmação que a fundamenta: a questão do "grau de instrução mais alto". Vamos analisar esse problema.

O modelo de desenvolvimento da civilização ocidental levou a sociedade a engendrar instituições que organizassem o conhecimento científico e outorgassem diplomas legais para comprovar a aquisição dessa modalidade de saber. Esses documentos são oficialmente aceitos como a garantia de competência para o exercício das profissões urbanas, cada vez mais complexas. As instituições que outorgam esses diplomas são, como sabemos, a escola e a universidade. Prossigamos.

Centenas de dimensões da inteligência humana não são contempladas pela sociedade com diplomas de competência

Entretanto, a sociedade não foi capaz, ou não sentiu necessidade de criar instituições que medissem os conhecimentos que o método científico não tem competência para fazer. A civilização industrial privilegiou o ensino técnico que a sustentação de seu modelo exigia. As experiências subjetivas e multipolares que caracterizam a *sabedoria popular* não obtiveram prestígio oficial porque não reafirmam, necessariamente, a lógica da produção industrial: a vida em sua plenitude, como sabemos, é muito, muito maior e se expressa através de incontáveis manifestações que não estão nem um pouco ligadas a questão econômica.

Portanto, centenas de dimensões da inteligência humana não são contempladas pela sociedade com os diplomas de competência. Mas se a civilização ocidental não foi capaz de desenvolver instituições para medir esses conhecimentos, não quer dizer que eles não existem. A questão é que sua complexidade está além da habilidade descritiva da ciência.

O educador Rubem Alves construiu uma de suas luminosas metáforas sobre a incapacidade do conhecimento científico em lidar com questões subjetivas da experiência humana. Ele escreve uma parábola em que um homem mostra um sabiá e o faz cantar para um grupo de eruditos. Os doutores assim respondem: "Não foi pego com as redes regulamentares; não é real; não sabemos o que é um sabiá; não sabemos o que é um canto de um sabiá..." A ciência é capaz de dissecar um pássaro para entender seu funcionamento orgânico, mas não tem ferramentas para compreender a beleza de seu canto.

Isso significa que aquele professor doutor hipotético que ofende a zeladora pode saber hermenêutica, mas pode também, ao mesmo tempo, ser um perfeito ignorante nas sutilezas do amor. Dominar a dialética, mas mostrar-se um semi-analfabeto afetivo de padrões emocionais imaturos. Compreender Kant mas não sentir nada com um solo de bandolim de um *chorinho*. A coragem, a paciência, a solidariedade, a sensibilidade e a tolerância são formas de sabedoria que, se não recebem diploma de competência, existem como fenômenos da inteligência humana – quem vai negar? – independentes do reconhecimento oficial.

Portanto, se o modelo científico tradicional não é capaz de enxergar e quantificar a efervescência da sabedoria de vida popular, e se não há uma instituição oficial que legitime oficialmente esse conhecimento, não é possível, primeiro, tecer uma graduação de valor; e segundo, compará-los. Logo, a afirmação "grau de instrução mais alto" na lógica da dominação fica automaticamente comprometida por causa de sua parcialidade inerente. Nem é mais necessário analisar se quem é mais "instruído" tem mesmo o direito de subjugar quem é menos, pois a própria medida de "instrução" ainda não foi resolvida. Torna-se óbvio, portanto, a questão ideológica do problema, pois a afirmação só tem sentido na medida em que somente o conhecimento científico é levado em consideração, e a sabedoria popular é estrategicamente desprezada. **(A.A.)**

Estudantes discutem limites da ciência

Felizmente, os ventos renovadores dessas discussões já chegaram na universidade. Alunos do 1º período do curso de Comunicação Social da Universidade de Uberaba, sob orientação da professora Maria de Fátima Ferreira, por exemplo, estudam os limites da metodologia positivista e a utilização da pesquisa qualitativa nas ciências sociais como forma de captar a subjetividade do ser humano. Iolanda Rodrigues Nunes, professora das licenciaturas, lembra que a palavra "aluno" carrega essa visão tradicional em sua etimologia. Segundo a professora, o vocábulo origina-se do grego e significa "sem luzes". Como se sabe, desde a antiguidade o termo luz funciona como metáfora de conhecimento. Dessa forma, o "aluno" é visto como um sujeito sem conhecimentos. Sabemos que isso não é verdade, pois a experiência de vida de cada pessoa fornece conhecimentos fundamentais que não são ensinados em instituições. Iolanda lembra também que o professor não leva conhecimento ao estudante: leva informação. É o estudante quem raciocina e traça as relações entre as informações recebidas para, então, deixar brotar o conhecimento. **(A.A.)**

issuu-downloader.com

Ecologia

Estudo viabiliza saída para o lixo

Unitecne coloca no mercado tecnologia de ponta para o aproveitamento de resíduos orgânicos e minerais

fotos: reprodução

Cerca de 88% do lixo doméstico não recebe nenhum tipo de tratamento e vai para os lixões, onde alimentará ratos e urubus

Wagner Fonseca
6º período de Jornalismo
Míriam Lins Caetano

A biotecnologia que foi incubada pela Unitecne – Incubadora de Tecnologia e Negócios da **Universidade de Uberaba**, coloca no mercado tecnologia de ponta para o aproveitamento e transformação de resíduos orgânicos e minerais, pelo processo de biodegradação acelerada, em biofertilizantes com alto valor agregado.

Através de biocatalisadores específicos a tecnologia transforma material orgânico do lixo urbano, serragem de madeira, bagaço de cana e outros resíduos orgânicos num período de 48 a 72 horas em biofertilizantes orgânicos e organomineral. Este trabalho desenvolvido pela Unitecne foi possível também mediante a parceria com a empresa Bioexton - detentora de tecnologia e patente de invenção requerida sob Nº PI9803631, para tratamento de resíduos orgânicos e minerais por processo de biodegradação acelerada, onde o produto final resulta em biofertilizantes orgânico e organomineral, com perspectivas de alta eficiência agronômica e elevado retorno socioeconômico e ambiental.

Lixo depositado em aterros e lixões a céu aberto concorrem para poluir o meio ambiente

O lixo do Brasil

O Brasil produz 241.614 toneladas de lixo por dia, segundo a Pesquisa Nacional de Saneamento Básico feita pelo IBGE em 2000, correspondendo a aproximadamente 90 milhões de toneladas/ano. Uma pesquisa revela que são produzidas 240.000 toneladas de lixo a cada 24 horas. A quantidade de lixo doméstico é o dobro do que se produzia há 15 anos. Diariamente, cada brasileiro produz, em média, 600 gramas de lixo. Esta quantidade é justificada pelo aumento populacional, aumento do poder aquisitivo e pelo perfil do consumidor brasileiro que vem adquirindo novos hábitos de consumo. O tratamento desse lixo continua sendo precário.

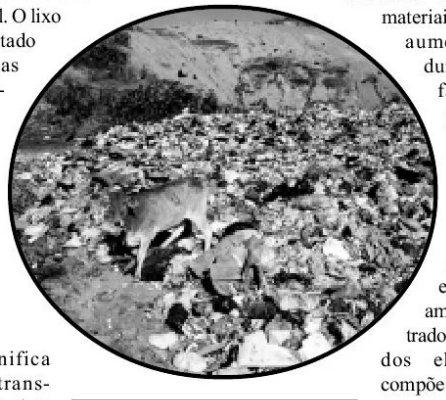
O material orgânico tem se constituído no principal problema nos processos de reciclagem e destinação destes resíduos sólidos urbanos. Além do doméstico, existem outros tipos de lixo. O lixo agrícola é constituído de lixo animal, principalmente o esterco, cama de frango, dejetos de suínos, de cascas de vegetais, de palhas, serragem de madeira, bagaço de cana, frigoríficos, abatedouros, laticínios, dentre outros utilizados na agricultura, cujos elementos indesejáveis podem ser levados pela água da chuva até rios ou para lençóis freáticos, poluindo a água.

Na área urbana, além do lixo depositado em aterros e lixões a céu aberto, concorrem para poluir o meio ambiente, os dejetos industriais, das cervejarias, dos frigoríficos, dos laticínios, das agroindústrias, cujos destinos finais nem sempre são conhecidos.

Cerca de 88% do lixo doméstico não recebe nenhum tipo de tratamento e vai para os lixões, onde alimentará ratos e urubus, poluirá o solo e as águas subterrâneas pelo chorume produzido.

Atualmente menos de 3% do lixo se transforma em fertilizante de baixa qualidade, através do sistema aeróbico de compostagem e apenas 2% de todo o lixo do Brasil é reciclado.

Em países como França e Alemanha, a iniciativa privada é encarregada do lixo. A solução para todos os problemas do lixo é uma questão de filosofia, de procedimento verdadeiramente empresarial. O lixo não pode ser tratado como lixo, mas como matéria-prima, geradora de empregos, de produtos úteis, movimentando a economia e despoluindo o meio ambiente.



Quantidade de lixo doméstico é o dobro do que se produzia há 15 anos

Reciclar é a solução

O que significa reciclar? É a transformação de um produto já utilizado em um novo produto, para um segundo uso. Na cidade de Monte Mor, interior paulista, as embalagens tetra pak são reaproveitadas através do processo de reciclagem.

Para o biólogo e jornalista Vicente Higino, a saída para diminuir o lixo jogado no meio ambiente é a reciclagem. Este processo diminui as substâncias que prejudicam o solo. Grande parte do lixo produzido no Brasil é resistente e de difícil degradação.

O uso de produtos químicos para melhorar a qualidade de materiais como o papel, aumentou a sua durabilidade. Isso faz com que o papel tenha uma degradação lenta. Pesquisas realizadas pelas multinacionais, consideradas poluentes do meio ambiente, têm mostrado que grande parte dos elementos que compõe o lixo não possuem tempo determinado para decomposição. "Mesmo através de ensaios de elementos que encontramos no lixo, como vidro e plástico, não foi possível chegar a uma avaliação para saber o tempo de degradação desses produtos," afirma o professor.

issuu-downloader.com

Cidade

O barulho mora ao lado

Poluição sonora causa diversos distúrbios ao organismo

Wagner Ghizzoni Júnior
6º período de Jornalismo

A poluição sonora é mais fácil de se produzir, em relação a poluição visual, mas causa efeitos que podem ser mais devastadores. Além da surdez causada pela exposição excessiva à ruídos altos, ela causa também irritação, cansaço, úlcera, insônia e até alterações no sangue, na urina e aumento no colesterol.

O chefe da Seção de Fiscalização, Preservação e Conservação Ambiental da Secretaria Municipal de Planejamento e de Meio Ambiente de Uberaba, Walter Ambrósio da Silva, explica que poluição sonora é qualquer som que cause perturbação ao sossego público ou produza efeitos fisiológicos e psicológicos negativos no ser humano. "Não é só uma boate que produz poluição sonora. Aquela velha chata falando sem parar, fazendo você perder a concentração e diminuindo sua produção, é uma poluidora", exemplifica.

Uma pessoa exposta a barulho intenso por mais de meia hora tem uma perda temporária de uma parte da audição. Se ficar muito tempo, a audição pode ser afetada para sempre.

Medindo o ruído

O nível de ruído de um lugar é medido em *decibéis*. O sistema decibel é uma escala logarítmica. Dez decibéis produzem 10 vezes mais energia que um decibel. Vinte decibéis produzem 100 vezes mais energia, 30 decibéis 1000 vezes mais e assim por diante. Neste sistema entende-se que um ruído de 0 a 60 decibéis é aceitável, de 60 a 100 provoca um incômodo e acima de 100 é prejudicial.

As fábricas e indústrias estão entre os lugares mais barulhentos. Não é permitida a exposição a níveis de ruído acima de 115 decibéis para indivíduos que não estejam adequadamente protegidos por protetores. Existem leis que determinam o máximo de tempo que um trabalhador pode ficar em lugares com muito ruído. A jornada de trabalho de uma telefonista, por exemplo, é de seis horas diárias.

De acordo com Walter, pelo menos as fábricas dos Distritos Industriais de Uberaba não têm este problema. "As indústrias daqui têm uma consciência ecológica e algumas têm equipes para preservar o meio-ambiente em geral". Ele ressalta, no entanto, que a secretaria não dispõe de dados sobre os índices de poluição sonora na cidade.

Reclamações

As denúncias sobre excesso de barulho podem ser feitas para a Seplam sem que o denunciante necessite se identificar. Quando a Secretaria de Meio Ambiente recebe uma reclamação, uma equipe vai até o local medir o nível de ruído com um *decibilímetro*. A Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) exige que a medição seja feita no local que produz o ruído e no lugar afetado. Num lar, o nível de ruído deve ser menor que 45 decibéis nos dormitórios e no máximo 60 no restante da casa.

Se constatado que o ruído realmente é acima do permitido, o infrator deve tomar as providências cabíveis. "Nossa primeira medida é conversar amigavelmente e dar um prazo para a normalização. A pessoa assina um Termo de Compromisso Ambiental. Se voltarmos ao local e ver que o problema ainda não foi solucionado, mas a pessoa está com boa vontade, então damos um novo prazo. Agora, se o sujeito estiver sem vontade de consertar o erro, entregamos tudo pra justiça, que interdita o lugar," conta Walter.

Em Uberaba foram poucos os casos de fechamento de estabelecimentos devido a poluição sonora. A Boate Hippodrome, no Bairro Boa Vista, foi um dos casos. "O dono não tinha o dinheiro para deixar tudo normal. Normalmente as pessoas tomam as devidas providências. Um *buffet* gastou 140 mil reais para deixar tudo dentro dos conformes", diz.

Walter lembra que a preocupação da Secretaria de Meio Ambiente é apenas com a poluição, e não com os trabalhadores. "Se uma fábrica produz muito barulho e os empregados não tem protetor auricular, não é problema nosso. Pode deixar o trabalhador surdo, o vizinho não", explica bem-humorado.

Recursos contra o ruído

Uma das formas de evitar o ruído nas cidades é conservar e ampliar as áreas verdes, que isolam o som. Os aeroportos devem ser longes dos locais populosos. Quanto ao barulho em um local específico, já existem muitos meios de isolar esse problema invisível. Proteções acústicas em caixas de som ou outros produtores de ruídos, amortecedores mecânicos para evitar a vibração – como no caso dos compressores da pista fria –, fibras de carbono, amortecedores de cortiça – para ambientes pequenos como escritórios – e até improvisos. As serralherias, por exemplo, podem revestir as paredes com cartelas de ovo para quebrar as ondas do som. "Há métodos simples, como direcionamento das caixas de som. Uma deve apontar para a outra, para haver uma confluência dos sons e diminuir o impacto," ensina.

Matéria republicada devido à problema de impressão da edição anterior

fotos: Wagner Ghizzoni Júnior

Os veículos são grandes poluidores sonoros

Boate fechada por desrespeitar normas. Sorte dos vizinhos, que não conseguiam dormir

VOCE SABIA?

★ A cidade mais barulhenta do mundo é Rio de Janeiro, com uma média de 85 decibéis. A voz humana normal tem mais ou menos 60 decibéis. Uma britadeira ou um ônibus produz 100 decibéis.

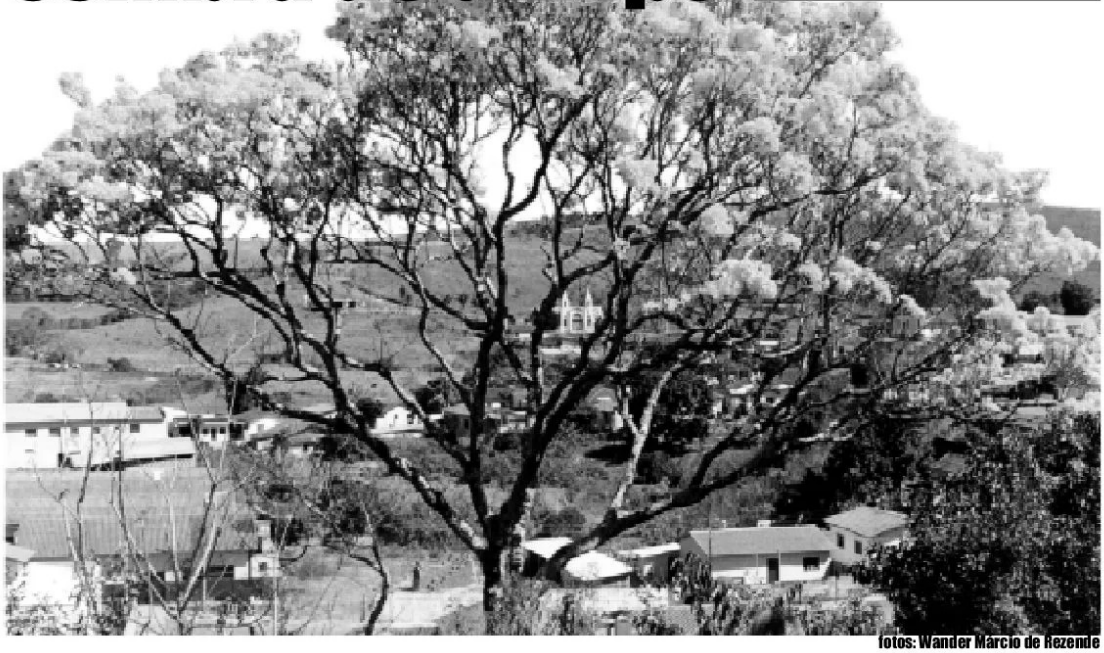
★ A resolução 448/71 do Conselho Nacional de Trânsito determina o nível máximo de 84 decibéis para veículos de passeio e motos, e de 89 decibéis para veículos de carga, ônibus e máquinas de tração agrícula. Os ruídos de buzinas e aparelhos similares em vias urbanas devem atingir o nível máximo de 104 decibéis.

issuu-downloader.com

Turismo

Tapira sob a sombra de um Ipê

Árvore é símbolo da cidade e fonte inspiradora de versos e prosas



fotos: Wander Márcio de Rezende

Wander Márcio de Rezende
3º período de Jornalismo

"A história de uma terra pertence aos filhos desta terra, porque terra sem história é povo sem cultura"

A frase é do senhor Waldomiro Rosa de Oliveira, um entre os cinco mil moradores de Tapira. A cidade, situada no Alto Paranaíba, completou no primeiro dia deste mês, 39 anos de emancipação. Com 70 anos de idade, "Seu" Waldomiro, como é conhecido, sonha em publicar a história de sua cidade e para isto a falta de graduação, segundo ele, não é empecilho. "A falta de recurso é que é o problema", lamenta.

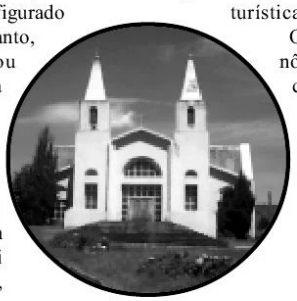
Seu Waldomiro sonha em publicar a história da cidade

Antes mesmo do município ser emancipado, ainda quando era apenas um distrito, o Seu Waldomiro Rosa já habitava as redondezas. Conforme contou, até os meados do século passado, Tapira era tomada por matas espessas e sombrias, onde se escondiam manadas de bovinos, equinos e muares que eram criados livremente pastando pelas terras ainda virgem. A anta ou tapir, alvo predileto de caçadores, eram habitantes comuns e em grande número na região. Surgiu daí, o nome da cidade "Tapira".

Além dos animais, a região era privilegiada também pelos recursos naturais. Uma fonte de água sulfurosa brotava das pedras do local chamado Pilões. Foi lá que a família fundadora de Tapira, os Assunção e Souza, construíram um curral cercando a fonte e para onde os animais de estimação eram levados. A fé, segundo Waldomiro Rosa, era marca registrada da família pioneira. Em 1870, Pedro Assunção e Souza levantou um cruzeiro de madeira em um morro próximo de onde hoje está situada a cidade de Tapira. "Nos primeiros domingos de cada mês era rezado o terço de Nossa Senhora", contou. A reza terminava em festa com queimas de fogos e leilões e hoje faz parte da tradição religiosa no mês de outubro.

A história registra também a importância do escravo Lázaro que ao ser libertado construiu uma casa coberta de sapê, próxima onde hoje está a Matriz de São Sebatião. Esta igreja foi construída com a ajuda da população, mas o seu formato original foi desfigurado depois da reforma. O Santo, pelo menos, continuou sendo o padroeiro da cidade.

Em 1908 Tapira se chamava São Sebastião das Antas, povoado pertencente à Paróquia do Desemboque. Somente em 1923 é que o povoado foi denominado de Tapira, tornando-se distrito do município de Araxá. De Araxá, Tapira passou a pertencer ao município de Sacramento, cidade em que o território do distrito estaria mais ligada. A independência de Tapira chegou no dia 30 de dezembro de 1962.



Igreja foi construída com ajuda da população

Economia

O solo rico em minério não tardou a despertar o interesse de empresas extrativistas. A Valep, atual Fosfértil, se instalou na região para a exploração de fosfato, gerando empregos e renda para o município. O desenvolvimento da cidade começou a deslanchar. Outras áreas ganharam importância como o turismo ecológico. As cachoeiras da região de Tapira são pontos de visitação turística.

O desenvolvimento econômico da cidade conta ainda com a pecuária, cujo destaque vai para a criação de carneiros; agricultura, com a produção de milho, batata, soja e café. A produção de flores é exportada para outros mercados.

Ipê florido

Um ipê no alto do morro, banha com sua cor dourada a pequena Tapira. A árvore é símbolo da cidade e fonte inspiradora de versos e prosas. E foi nesta árvore centenária que o Seu Waldomiro Rosa se inspirou. Para ele, e demais moradores, se as antas não viessem primeiro para dar origem ao nome Tapira, a cidade se chamaria Ipê Florido.

Uma árvore fazendo história

(Waldomiro Rosa de Oliveira)

Um Ipê nascido num passado distante,
lembrando quando Tapira ainda era
mata espessa, povoada de Antas ou
Tapir, que deu origem ao nome atual desta
cidade, cobriu-se com seu amarelo ouro,
lembrando nossas riquezas minerais.
Alguém a fotografou, simplesmente pela
imponência e beleza de suas flores.
Mas aconteceu que entre seus galhos e
flores, apareceram em pontos distantes,
parte de nossa cidade e entre outras
construções, visível e altaneira,
a nossa igreja matriz.
Esta foto silenciosa,
falando de nosso passado distante!
Como ficou linda!
Uma Tapira permeada de ramos e flores,
dando inspiração poética ao "vate"
que ama esta terra, uma cidade de 39 anos,
encravada na natureza verdejante...
transformada em um jardim!
Esta beleza inusitada, trata-se de um ipê,
a árvore nacional, que tinge de amarelo na
primavera, nossa matas e ribanceiras!
É um ipê talvez centenário, que através
desta fotografia, estará fazendo história
para nossas gerações futuras.

issuu-downloader.com

Ciências Aeronáuticas, que profissão é essa?

Por falta de conhecimento muitos jovens se deixam levar por influências externas e desperdiçam a chance que possuem de fazer uma carreira com a qual se identificam

fotos: Adriana Amaral Guardieiro

Simulador reproduz qualquer tipo de problema que possa acontecer no ar

Adriana Amaral Guardieiro
7º período de Jornalismo

Uma profissão pouco difundida cuja formação também é rara no Brasil. Trata-se da Ciências Aeronáuticas, taxada como um mercado cujas possibilidades se concentram apenas em cidades grandes, mas que, desde 1999, já existe em Uberaba. No Brasil, as duas únicas instituições que oferecem o curso são a Faculdade de Ciências Aeronáuticas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), e a **Universidade de Uberaba (Uniube)**.

Francisco Luiz Corrêa é oficial da Força Aérea Brasileira (FAB), especializado em co-piloto de aviação executiva e em helicóptero, somando em seu curriculo 22 anos de carreira. Corrêa é coordenador técnico do curso na Uniube e disse que a graduação superior é uma exigência do Departamento de Aviação Civil (DAC). "O curso tem que ser reconhecido não só pelo Ministério da Educação, o MEC, como também ser da competência do Ministério da Defesa, através do DAC", explica.

De acordo com Corrêa quem se forma em Ciências Aeronáuticas está apto a pilotar um avião com capacidade disponível para transportar entre oito e 10 passageiros. "Muitas pessoas acham que só é ensinado como um avião funciona e não é bem assim. Quatro dos quatorze alunos da primeira turma, que se formará no meio deste ano, já estão empregados. Eles trabalham nos finais de semana e continuam estudando. Além disso, é bom que eles adquiram experiência e tragam para a sala de aula a fim de comparar com o que é apresentado pelos professores. Isso é uma satisfação enorme para nós que torcemos por eles no mercado de trabalho", diz Corrêa, entusiasmado com os alunos.

O curso, na Universidade de Uberaba, tem a duração de três anos. É multiperiódico e, atualmente, possui 94 estudantes ao todo. Para ingressar na Universidade, o aluno precisa fazer o vestibular e um exame médico, para verificar suas condições psicológicas, coordenação motora, visão, audição, entre outros requisitos.

Segurança

Um dos principais pontos abordados nesta profissão é a segurança de vôo. "Antes, nos anos 50, os aviões quebravam muito. Com a evolução da tecnologia, surgiram vários controles no painel. Nos anos 60, aconteciam erros dos pilotos que esqueciam de verificar todos esses controles. A partir da introdução de cursos de capacitação o número de problemas deste tipo foi reduzido. Da década de 70 até o começo dos anos 90, houve a necessidade de treinamento, pois apareciam defeitos na aeronave e o comandante não sa-bia o que fazer. Surgiu, então, o simulador, onde podemos reproduzir qualquer tipo de problema que possa acontecer no ar", conta ele.

Luiz Corrêa incentiva a profissão, apesar dos perigos

Corrêa disse ainda que nos anos 90, começou-se a falar a respeito de gerenciamento e informações entre os tripulantes. "A tripulação precisava falar entre eles e comunicar ao comandante os problemas que iam surgindo. Em suma, eles precisavam aprender a trabalhar em equipe. Na aviação, nós não investigamos o acidente com o objetivo de descobrir quem errou, mas sim, para buscar conhecimento evitando que isso aconteça novamente".

Apesar de ter perdido sua perna esquerda em um acidente de helicóptero, Corrêa afirma que voar é seguro, mas adverte: "pilotar exige muita concentração. O profissional não pode pensar só na chegada, mas durante todo o percurso. Se ele estiver ansioso para pousar, isso vai afetar a segurança do vôo".

Visão de estudante

Hélder Machado de Rezende é um dos alunos da primeira turma do curso da Uniube. Influenciado pelo pai, que trabalhou na Força Aérea, Hélder sempre gostou de avião. "Na minha cidade, em Ituverava, a gente ia todo fim de semana ao campo de aviação. Eu comecei com o aeromodelismo. Terminei o colegial, fui para Ribeirão Preto fazer o aeroclube e, quando começou o curso aqui, me interessei porque ficou perto de casa. Aí, prestei vestibular e passei. Na época, eram 2,3 candidatos por vaga e a sala tinha 45 alunos", lembra o estudante com um sorriso de realização no rosto. "Saindo daqui, penso em ir para outra cidade, pois pretendo ser piloto de linha aérea. Quero lutar para isso", completa ele, confiante em seu futuro.

Especialização

Para poder pilotar um avião maior, como é o desejo do estudante Hélder, o profissional deve fazer especialização. O professor Francisco Luiz Corrêa informa que tais cursos são oferecidos somente nas grandes cidades, como São Paulo e Rio de Janeiro. "Não existe um piloto que voe em todos os aviões. Se ele disser isso, está mentindo (risadas). É preciso fazer uma especialização", completa.

Em relação ao futuro de um profissional desta área, o coordenador fala que não adianta o mercado de trabalho ser bom ou ruim. "Você precisa estar qualificado. Tem uma empresa, por exemplo, que está precisando de 15 aviadores. Pode até existir uns 2 mil desempregados, mas a empresa acha que não servem. A aviação é muito específica, não é como um fliperama, onde você erra uma vez e tenta de novo. Imprevistos acontecem e você precisa saber resolvê-los", filosofa.

O piso salarial de um co-piloto iniciante na aviação comercial é de R$ 3 mil. Já na aviação executiva, pode chegar ao dobro desse valor. "Deste salário, uns 40% são fixos e o restante depende da produtividade do profissional", explica Hélder que paga R$ 670 de mensalidade. "Como nós temos que fazer 150 horas de vôo, cada hora custa em torno de R$ 200, para aviões monomotores. Já para os bimotores, que são exigidas 15 horas, o preço é de, mais ou menos, R$ 420".

A profissão

Segundo Francisco Luiz Corrêa, como em toda profissão, nesta também existem coisas boas e difíceis. O profissional deve ter um perfil não só psico-motor para poder cuidar de uma máquina, mas também tem que ser pensante, planejador, administrador e com muito conhecimento sobre relacionamento entre seres humanos, devido à sua responsabilidade individual e autoridade perante a tripulação e a nave", conclui.

issuu-downloader.com

Cores provocam mil sensações

Fabiano Oliveira

Nesta página estão expostos alguns desenhos produzidos durante as aulas de Produção Gráfica do Curso de Publicidade e Propaganda. O objetivo da aula era passar aos alunos toda a importância da escolha das cores nos projetos de comunicação incluindo embalagens, impressões em grandes formatos, anúncios de revistas, enfim, toda mídia impressa. Assim, as cores são associadas ao psicológico de cada um, estimulando, acalmando, afirmando, negando, decidindo, curando e no caso da propaganda, vendendo.

Todos têm sensações e reações diferentes para cada cor. Sem dúvida, tomar como base os estudos e as associações psicológicas do homem diante das cores é fator fundamental para a eficácia dos materiais gráficos. Bem como se o produto identifica-se com o racional ou com o psicológico. Os clientes compram por emoção ou por razão.

As reações perante as cores dependem de muitos fatores: cultura, localização, tempo e faixa etária do público-alvo e interferem diretamente na escolha das cores. A oficina foi realizada entre todos os alunos individualmente com giz de cêra sobre papel sulfite. Os temas foram apresentados em duas categorias: concreto e subjetivo. Os desenhos representam o curso de Publicidade e Propaganda, o caminho a ser trilhado, o silêncio e a saudade.

O resultado evidenciou que o bom senso, gosto pessoal, harmonia e adequação, são tão importantes como qualquer pesquisa. E que as associações podem direcionar o trabalho, porém não devemos nos prender indefinidamente a elas.

Fabiano Oliveira é professor da habilitação em Publicidade e Propaganda do curso de Comunicação Social da Universidade de Uberaba

issuu-downloader.com